

Hebraico Bíblico: Breve Histórico

Edson de Faria Francisco.
São Bernardo do Campo, abril de 2014.

1. Introdução: as Línguas Semíticas

A língua hebraica pertence ao grupo das línguas semíticas surgidas no Oriente Médio desde o segundo milênio antes da era cristã e que desempenharam importante papel no desenvolvimento histórico e cultural das civilizações dessa região geográfica. Em termos geográficos, as línguas semíticas são encontradas ao longo de vasta região do Oriente Médio, se estendendo desde a Mesopotâmia, no lado nordeste, até a Arábia e a Etiópia, no lado sulista, incluindo a região siro-palestina, no lado noroeste. A nomenclatura “línguas semíticas”, que foi criada por August S. Schlözer, tem sido usada para designar as línguas surgidas na região do Oriente Médio durante o segundo milênio antes da era cristã. Esta designação é registrada no volume VIII do *Reportorium für biblische und morgenländische Literatur*, editada por Johann G. Eichhorn (Leipzig, 1781). Tal denominação possui relação com o personagem Sem (cf. Gn 10.21-31), um dos filhos de Noé, e que teria sido o ancestral dos povos de origem semita. Atualmente, os estudiosos reconhecem como semíticas cerca de 70 línguas ou dialetos que possuem vários detalhes em comum entre si como a morfologia, a fonologia, a sintaxe e o vocabulário. Desde muitos anos, as línguas semíticas foram e continuam sendo objeto de estudos e debates entre diversos linguistas, alguns dos quais classificam nos grupos que são mostrados no quadro abaixo.

Grupo nordeste (norte-oriental): acádico, assírio e babilônico.

Grupo noroeste (norte-ocidental): hebraico, hebraico samaritano, aramaico, siríaco, ugarítico, fenício, canaanita, moabita, edomita, púnico e nabateu.

Grupo sudoeste: árabe, etíope, sabeu e mineu.

As características mais relevantes que são comuns entre as línguas semíticas são expostas no quadro abaixo.

Todas são escritas da direita para a esquerda, exceto o acádico e o etíope que são escritos da esquerda para a direita.

Os sistemas alfabéticos empregados são consonantais e somente tardiamente surgiram os sinais para representarem fonemas vocálicos.

Todas possuem preferência por raízes verbais triconsonantais (três letras consoantes).

Existem várias conjugações verbais: o árabe, o acádico e o etíope possuem mais de 12 conjugações, enquanto o hebraico e o aramaico possuem sete.

Presença de determinados fonemas consonantais, tais como פ, ט, צ, ז e ק.

Algumas línguas semíticas desapareceram há muitos séculos, como o acádico, o ugarítico, o fenício, o moabita, o assírio e o babilônico, enquanto outras são faladas, ainda, por pequenas populações do Oriente Médio: o aramaico falado por cerca de 300 mil pessoas e o hebraico samaritano por algumas centenas (cerca de 300 pessoas). Outros idiomas semíticos tornaram-se línguas litúrgicas como o siríaco e o etíope, que são usadas por comunidades cristãs orientais (siríaco pelos cristãos nestorianos e jacobitas e etíope pelos cristãos etíopes) e o hebraico samaritano que é utilizado pelos samaritanos. O árabe é a língua

semítica mais falada hoje em dia por cerca de 150 milhões de falantes. O hebraico, depois de ressurgido desde o século 16 e como língua falada desde o século 20, é hoje usado por cerca de mais de seis milhões de pessoas no moderno Estado de Israel.

2. Períodos Históricos da Língua Hebraica

Assim como toda língua viva que se desenvolve e se modifica ao longo do tempo, também o hebraico sofreu alterações durante a sua evolução como idioma falado e escrito do povo judeu. Através dos séculos, sua ortografia, sua fonética/fonologia, morfologia, sua sintaxe, seu vocabulário e sua fraseologia sofreram modificações, podendo ser percebidos através de muitos documentos antigos e modernos. Determinados hebraístas classificam e datam da seguinte forma os períodos históricos da língua hebraica:

Hebraico arcaico: séc. 13 ao séc. 10 a.C.

Hebraico pré-exílico ou hebraico clássico: séc. 10 ao 6º séc. a.C.

Hebraico pós-exílico ou hebraico tardio: 6º séc. ao 2º séc. a.C.

Hebraico de Hirbet Qumran: 2º a.C. ao 2º séc. d.C.

Hebraico rabínico ou hebraico talmúdico ou ainda neo-hebraico: 2º séc. ao séc. 10.

Hebraico medieval: séc. 10 ao séc. 15.

Hebraico moderno ou hebraico israelense: séc. 16 ao séc. 21.

Todos os períodos históricos do hebraico demonstram evolução contínua e às vezes profunda em sua estrutura linguística. Segundo os estudiosos, de todos os estágios mencionados acima, os três primeiros (arcaico, pré-exílico e pós-exílico) são considerados desenvolvimento do hebraico bíblico, fato que se percebe ao longo da composição dos próprios livros da Bíblia Hebraica. Em relação às obras escritas em cada estágio da evolução do hebraico bíblico, é possível mencionar algumas que são relevantes para o estudo do seu processo de desenvolvimento:

Hebraico bíblico

Arcaico: Gênesis 49, Êxodo 15, Números 23 e 24, Deuteronômio 32 e 33, Juízes 5.2-31, 1Samuel 2.1-10; 2Samuel 22.2-51; 2Samuel 23.1-7; Salmo 18, Salmo 29, Salmo 68 etc.

Pré-exílico ou **hebraico clássico:** o Pentateuco, Josué, Juízes, 1Samuel e 2Samuel, 1Reis e 2Reis, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Amós, Oseias, Miqueias etc.

Pós-exílico ou **hebraico tardio:** Esdras, Neemias, 1Crônicas e 2Crônicas, Ester, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Daniel, Cântico dos Cânticos, Joel, Obadias, Ageu, Zacarias etc.

Hebraico de Hirbet Qumran: o *pesher* de Habacuque, o Testamento dos Doze Patriarcas, a Regra da Associação, o Documento de Damasco, a Regra da Guerra, o Rolo do Templo etc.

Hebraico rabínico ou **hebraico talmúdico** ou **neo-hebraico:** a literatura tanaítica, a literatura amoraítica, a Mishná (a seção do Talmude escrita em hebraico) etc.

Hebraico medieval: comentários de rabinos como Rashi (rabino Salomão ben Isaque), Nahmânides (rabino Moisés ben Nahman de Gerona), Maimônides (rabino Moisés ben Maimon), Abraão ibn Ezra, Davi Qimhi de Narbonne, Saadia ha-Gaon, poemas de judeus espanhóis como Salomão ibn Gabirol, Judá ha-Levi, entre outros.

Hebraico moderno ou **hebraico israelense:** a literatura rabínica e israelense moderna em todas as áreas (poesia, história, ciência, educação etc.). Literatura rabínica: Jacob ben Hayyim e Elias Levita. Na poesia pode-se citar alguns nomes: Amós Oz, S. Y. Agnon, Nathan Alterman, Hayyim Nahman Bialik, Reuven Rubin, A. B. Yehoshua, entre outros.

3. Hebraico Bíblico: Características Gerais

A Bíblia Hebraica foi composta entre o século 12 e o 2º século a.C. e seus livros refletem mais de um estágio na evolução da língua hebraica durante o período bíblico. Percebe-se, ainda, a presença de dois dialetos empregados em seus textos (o dialeto de Judá [judáita ou sulista] e o de Israel [israelita ou nortista]). O vocabulário bíblico possui muitas palavras relacionadas com o campo da religião, da moral e da emoção, além de palavras relacionadas com a vida diária, com animais domésticos, com utensílios domésticos, entre outros assuntos. O vocabulário da Bíblia Hebraica é relativamente limitado, compreendendo um pouco mais de 8.000 vocábulos, dos quais cerca de 2.000 são palavras ou expressões que ocorrem uma única vez ao longo de seu texto. Tais situações são denominadas, tecnicamente, como *hapax legomenon* (gr. ἅπαξ λεγόμενον, contado ou dito uma só vez; pl. ἅπαξ λεγόμενα [*hapax legomena*], contados ou ditos uma só vez). Os massoretas assinalavam as situações de *hapax legomenon* presentes no texto bíblico hebraico por meio da abreviatura ל, que é a inicial dos termos de procedência aramaica לִית, לִית e לִיתָא. Tais unidades lexicais significam “não há, não existe, não tem, nada, não”. O termo hebraico correspondente para *hapax legomenon* é הַיְדִיאַ (hebr. único, o que aparece uma única vez).

De acordo com os estudiosos, a maior concentração dos *hapax legomenon* encontra-se nos seguintes livros bíblicos (em ordem de quantidade): Jó, Cântico dos Cânticos, Isaías, Provérbios, Naum, Lamentações e Habacuque. Por outro lado, os livros bíblicos que apresentam um menor registro de *hapax legomenon* são (em ordem de quantidade): 1Crônicas, 2Crônicas, 1Reis, 2Reis, Josué, Êxodo, 1Samuel e 2Samuel. Palavras e expressões únicas no texto bíblico hebraico são classificadas em dois grupos: os hápax parciais e os hápax absolutos. O primeiro grupo é relacionado com situações de palavras ou expressões realmente únicas, sem outras formas iguais ou similares, por exemplo, o substantivo masculino singular שָׂבֵל (hebr. vestido, saia), em Isaías 47.2. O segundo grupo é relacionado com formas ortográficas ou gramaticais únicas, mas que possuem outras formas similares, por exemplo, a expressão verbal no infinitivo construto אָכַל (hebr. comer), em Deuteronômio 12.23.

O hebraico é uma língua semítica norte-ocidental, pertencente ao grupo cananeu, surgida na Palestina, entre o rio Jordão e o mar Mediterrâneo, durante a segunda metade do segundo milênio antes da era cristã. Após as tribos israelitas se estabelecerem em Canaã, no século 13 a.C., adotaram a língua local dos cananeus, isto é, o canaanita do qual surgiu, posteriormente, o hebraico. Os ancestrais dos israelitas eram provavelmente arameus e falavam uma antiga forma de aramaico (cf. Gn 31.47 e Dt 26.5). No texto bíblico hebraico, o idioma dos israelitas nunca é nominado “hebraico”, mas שְׂפַת כְּנָעַן (hebr. língua de Canaã, cf. Is 19.18) e הַיְדִיאַ (hebr. judaico, cf. 2Rs 18.26; 18.28; Is 36.11; 36.13; Ne 13.24 e 2Cr 32.18) denotando, assim, ser o “idioma oficial” de Judá e de Jerusalém, sendo utilizado como forma padrão de linguagem erudita para composição de textos.

Na época de dominação grega sobre a Palestina (6º séc.-2º séc. a.C.), a língua era denominada ἑβραϊκός (gr. hebraico) ou ἑβραϊκή (gr. hebraico). No período de domínio romano (2º séc. a.C.-2º séc. d.C.), o idioma era designado עִבְרִית (hebr. hebraico) ou לְשׁוֹן עִבְרִית (hebr. língua hebraica) pelos próprios judeus e *hebraeum* e *hebraicus* pelos romanos. No período de desenvolvimento da literatura talmúdica (3º séc.-6º séc.), era denominada לְשׁוֹן הַקְּדָשׁ (hebr. língua sagrada) pelos rabinos tanaitas. No Talmude consta a forma עִבְרִית (hebr. hebraico) para designar a língua hebraica (cf. *Kiddushin* 1.2). Flávio Josefo, em suas obras, utiliza as locuções γλῶσσα τῶν Ἑβραίων (gr. língua dos hebreus) e ἑβραϊστί (gr. em hebraico) para designar tanto o hebraico quanto o aramaico. A expressão ἑβραϊστί (gr. em hebraico) é usada no Eclesiástico para denotar o hebraico (cf. Eclo, prólogo 20), todavia, no Novo Testamento, é utilizada para designar o aramaico (cf. Lc 23.38; Jo 5.2; 19.13; 19.17; 19.20; 20.16; At 21.40 e 26.14).

Segundo os eruditos, havia duas principais variantes dialetais hebraicas durante o período bíblico: o dialeto do norte (reino de Israel), denominado “israelita” ou “nortista” e

o dialeto do sul (reino de Judá), designado “judaita” ou “sulista”. Além desse fato, percebe-se que havia variação de pronúncia entre os diversos grupos israelitas, como é possível perceber por meio da narrativa de Juízes 12.6, na qual os efraimitas pronunciavam o vocábulo “espiga” como שִׁבְלֵת e os gileaditas proferiam como סִבְלֵת.

4. Hebraico Arcaico

Textos: Gn 49.3-27; Êx 15.2-18; Nm 23.7-11; 23.18-24; Nm 24.3-9; 24.15-24; Dt 32.1-43; Dt 33.2-29; Jz 5.2-31; 1Sm 2.1-10; 2Sm 22.2-51; 2Sm 23.1-7; Sl 18; Sl 19; Sl 29; Sl 68 etc.

Os textos bíblicos citados acima apresentam composição muito antiga, alguns dos quais datariam do século 12 a.C., como Gênesis 49.3-27, Êxodo 15.2-18 e Juízes 5.2-31, enquanto outros, provavelmente, teriam surgidos na época da monarquia unida em Israel (séc. 11-10 a.C.), como o Salmo 18 e o Salmo 68. Todos os textos são poéticos, os quais foram transmitidos oralmente de geração em geração e, posteriormente, foram colocados por escrito. Os estudiosos classificam a linguagem dos textos mencionados de hebraico arcaico, que foi utilizado nas primeiras composições da Bíblia Hebraica. Segundo os eruditos, o primeiro texto bíblico a ser composto teria sido Juízes 5.2-31 (o Cântico de Débora), por volta de 1125 a.C. Este antigo cântico teria sido composto logo após os acontecimentos que são ali relatados.

Geralmente, a poesia hebraica arcaica possui muitos elementos próprios, sendo possível destacar alguns exemplos, como a utilização de determinadas raízes verbais e um vocabulário típico do hebraico do século 12 a.C. ao século 10 a.C. Os itens lexicográficos listados abaixo são exemplos do hebraico arcaico em comparação com o estágio seguinte, o hebraico pré-exílico.

vocábulos	hebraico arcaico	hebraico pré-exílico
não	בֹּל (cf. Is 14.21)	לֹא (cf. Êx 33.3)
quem?	מִן (cf. Dt 33.11)	מִי (cf. Êx 3.11)
YHWH	יְהוָה (cf. Êx 15.2)	יְהוָה (cf. Gn 2.4)
homem	אָנוּשׁ (cf. Dt 32.26)	אָדָם (cf. Gn 2.7)
homem	גִּבּוֹר (cf. Sl 18.26)	אָדָם (cf. Gn 2.20)
comida	לֶחֶם (cf. Gn 49.9)	אֲכָל (cf. Jl 1.16)
grande	כְּבִיר (cf. Is 16.14)	גָּדוֹל (cf. Os 2.2)
ouro	פֶּזַז (cf. Sl 21.4)	זָהָב (cf. Êx 20.20)
ouro	חֶרוֹץ (cf. Sl 68.14)	זָהָב (cf. Ag 2.8)
vinho	חֶמֶר (cf. Am 5.11)	יַיִן (cf. Dn 10.3)
príncipes	רִזְנִים (cf. Jz 5.3)	שָׂרִים (cf. 1Cr 15.9)
campo	שָׂדֵי (cf. Dt 32.13)	שָׂדֵה (Gn 27.27)
caminho	אֲרָח (cf. Sl 19.6)	דֶּרֶךְ (cf. Ez 47.2)
palavra, dito	אָמַר (cf. Sl 68.12)	דָּבַר (cf. 2Sm 15.36)
este, isto	זֶה (cf. Os 7.16)	זֶה (cf. Ec 4.8)

raízes verbais	hebraico arcaico	hebraico pré-exílico
fazer	פָּעַל (cf. Êx 15.17)	עָשָׂה (cf. Pv 23.5)
caminhar	צָעַד (cf. Jz 5.4)	הִלְךְ (cf. Is 50.10)
criar	קָנָה (cf. Gn 49.30)	בָּרָא (cf. Gn 1.1)
vir	אָתָּה (cf. Dt 33.2)	בּוֹא (cf. Gn 43.25)
ouvir	אָזַן (cf. Êx 15.26)	שָׁמַע (cf. Dt 6.4)

julgar	דִּין (cf. Dt 32.26)	שָׁפַט (cf. Gn 16.5)
ferir	מָחַץ (cf. Nm 24.17)	נָכַח (cf. Êx 7.25)
plantar	שָׂתַל (cf. Ez 17.22)	נָטַע (cf. Gn 2.8)
brilhar	נָגַה (cf. Sl 18.29)	אֹרַח (cf. Êx 13.21)
conhecer	שָׁעַר (cf. Dt 32.17)	יָדַע (cf. Êx 1.8)
irritar-se	זָעַם (cf. Nm 23.8)	כָּעַס (cf. Ec 7.9)

Muitas palavras listadas acima tendem a não aparecerem mais nos textos em prosa do hebraico pré-exílico (algumas vezes podem aparecer apenas ocasionalmente) e tendem, também, a se concentrarem nos antigos textos poéticos bíblicos mencionados. Grande parte do vocabulário do hebraico arcaico é constituída por palavras raras e arcaicas e, além disso, aparece uma única vez no texto bíblico, constituindo, assim, situações de *hapax legomenon*. Além disso, nas passagens em hebraico arcaico, são encontrados determinados elementos gramaticais arcaicos como formas mais longas de preposições separáveis, formas mais longas de sufixos pronominais, pronomes demonstrativos e determinadas formas de construto que são típicos dessa fase, como são mostrados no quadro a seguir.

Formas mais longas em preposições separáveis: בָּמוֹ (hebr. em, cf. Sl 11.2; Is 43.2), כִּמוֹ (hebr. como, cf. Êx 15.5; 15.8; 15.10), לְמוֹ (hebr. para, cf. Dt 32.35; 33.2), אֵלָי (hebr. em direção a, cf. Jó 3.22; 5.26; 15.22; 29.19), עִלָּי (hebr. junto a, cf. Gn 49.17; 49.22; Nm 24.6; Dt 32.2), עָדָי (hebr. até, cf. Nm 24.20; 24.24).

Formas mais longas em sufixos pronominais da terceira pessoa masculina plural: יֹאכְלֵמוֹ (hebr. os consumiu, cf. Êx 15.7), תִּמְלֵאֵמוֹ (hebr. se encherá deles, cf. Êx 15.9), תֹּרִישְׁמוֹ (hebr. desapossará deles, cf. Êx 15.9), תִּבְלֵעְמוֹ (hebr. os engoliu, cf. Êx 15.12), יֹאחֲזֵמוֹ (hebr. os agarrou, cf. Êx 15.15), תִּבְאֵמוֹ (hebr. os trará, cf. Êx 15.17), עָלֵימוֹ (hebr. sobre eles, cf. Dt 32.23), צָרֵימוֹ (hebr. os hostis deles, cf. Dt 32.27), אֱלֹהֵימוֹ (hebr. os deuses deles, cf. Dt 32.37), זִבְחֵימוֹ (hebr. os sacrifícios deles, cf. Dt 32.38), בָּמוֹתֵימוֹ (hebr. as elevações deles, cf. Dt 33.29), חֵלְבָמוֹ (hebr. a gordura deles, cf. Sl 17.10), פִּימוֹ (hebr. a boca deles, cf. Sl 17.10).

Pronome demonstrativo: זֶה (hebr. este, cf. Êx 15.13; 15.16; Sl 9.16; 10.2).

Construto: בְּנוֹ (hebr. o filho de, cf. Nm 23.18; 24.3; 24.15).

Segundo os estudiosos, os textos poéticos compostos na antiga forma do hebraico bíblico são de procedência do reino de Israel, apresentando influência de povos vizinhos e de suas literaturas. Os textos em hebraico arcaico demonstram, também, que havia diferenças entre a linguagem literária e a linguagem falada no cotidiano pelo povo israelita.

5. Hebraico Pré-Exílico ou Hebraico Clássico

Textos: Gn, Êx, Lv, Nm, Dt, Js, Jz, 1Sm, 2Sm, 1Rs, 2Rs, Is (cap. 1 a 39), Jr, Ez, Am, Os, Mq, Na, Hc, Sf, Sl 2, Sl 20, Sl 21, Sl 28, Sl 30, Sl 31, Sl 44, Sl 45, Sl 56, Sl 61, Sl 72, Sl 78, Sl 80, Sl 82, Sl 89, Sl 101, Sl 110, Sl 132, Sl 144 etc.

A maior parte dos livros da Bíblia Hebraica foi composta no período que antecede o exílio babilônico ocorrido a partir de 586 a.C. e tal época compreende do século 10 ao 6º século a.C., isto é, entre a época da monarquia unida (séc. 10 a.C.) e entre a queda do reino de Judá (6º séc. a.C.). A linguagem desses escritos difere, substancialmente, daquela que foi

descrita anteriormente, o hebraico arcaico. O estágio evolutivo da língua hebraica ocorrido entre o século 10 a.C. e o 6º século a.C., é conhecido como hebraico pré-exílico ou hebraico clássico, denominações adotadas pelos estudiosos. Esta fase é considerada pelos eruditos a era de ouro da língua hebraica.

A linguagem do hebraico pré-exílico assinala o auge de desenvolvimento da língua hebraica no período bíblico e também coincide com o apogeu da vida política, social, cultural e econômica do povo israelita desde a sua entrada em Canaã, ocorrida no século 13 a.C. O início do hebraico pré-exílico dá-se no período de surgimento da monarquia unida com Saul, Davi e Salomão (séc. 11 e séc. 10 a.C.). Essa época marca, igualmente, o início da composição sistemática dos livros bíblicos, os quais refletem a tradição e a experiência religiosa do povo de Israel com a fé monoteísta, como as tradições históricas relacionadas com o período patriarcal, com o Êxodo, com a conquista de Canaã, com a época dos juízes e com a época da monarquia.

O hebraico pré-exílico alcançou tão elevada perfeição de linguagem e de composição que serviu sempre de modelo para os outros estágios posteriores do hebraico, como o hebraico pós-exílico e o hebraico de Hīrbet Qumran. Questão que é discutida pelos eruditos é saber até que ponto a linguagem dos livros bíblicos pré-exílicos reflete o falar cotidiano do povo israelita. O que pode ser cogitado é que a linguagem do hebraico pré-exílico teria sido uma forma de composição literária típica dos escribas da corte, os quais padronizaram e fixaram as regras de uma literatura em língua culta e acabaram por desenvolver uma linguagem oficial.

Estudiosos afirmam que a linguagem do hebraico pré-exílico refletiria o dialeto próprio de Jerusalém e arredores, mas alguns livros como o de Oseias e o de Amós, por exemplo, refletiriam o dialeto falado no reino de Israel que conservou a linguagem da época da monarquia unida sob Davi e Salomão (séc. 11 e séc. 10 a.C.). Todavia, a linguagem predominante nos livros bíblicos escritos antes do exílio babilônico seria a de Jerusalém. Hebraístas comentam, ainda, que o hebraico pré-exílico teria se tornado linguagem unificada e padronizada já na época de Salomão (961-922 a.C.), tendo sido elaborada, provavelmente, na capital, Jerusalém. Tal linguagem teria sido utilizada, também, pelos sacerdotes do templo de Jerusalém e pelos escribas profissionais da corte, e como tal, conservava rigidamente o padrão literário, mantendo distanciamento da língua falada. Alguns destaques linguísticos mais relevantes do hebraico pré-exílico são exemplificados a seguir.

O uso mais frequente do pronome relativo אֲשֶׁר (hebr. que, cf. Gn 5.29; Êx 9.18; Js 6.17; Jz 6.25 etc.).

O uso mais frequente da conjunção *waw* conversiva que modifica o tempo de expressões verbais: וַיֹּאמֶר (hebr. e disse, cf. Jz 10.11 etc.), וַיֵּצֵא (hebr. e saiu, cf. Êx 2.11 etc.), וַיְדַבֵּר (hebr. e falou, cf. Nm 8.1 etc.), וַיֶּאֱהָבֶתָּ (hebr. e amarás, cf. Dt 6.5 etc.), וַיִּשְׁמְרֶתָּ (hebr. e guardarás, cf. Dt 6.11 etc.), וַיִּכְפַּרְתָּ (hebr. e calafetarás, cf. Gn 6.14 etc.).

O uso constante da preposição separável אֶל (hebr. para, em direção a) ao invés da preposição inseparável לְ: אֶל-דָּוִד (hebr. para Davi [comum nos livros de Samuel e de Reis, cf. 1Sm 16.13; 17.33; 2Sm 4.8; 5.1; 1Rs 5.19; 8.18; 2Rs 21.7 etc.]); לְדָוִד (hebr. para Davi [comum nos livros das Crônicas], cf. 1Cr 18.2; 19.5; 21.18; 2Cr 2.11; 3.1; 6.17 etc.).

Ortografia defectiva de determinados nomes próprios como דָּוִד (hebr. Davi), comum nos livros de Samuel e de Reis (cf. 1Sm 26.5; 2Sm 16.11; 1Rs 1.13; 2Rs 22.2 etc.) ao invés da grafia plena דָּוִיִּד (hebr. Davi), comum nos livros das Crônicas (cf. 1Cr 16.2; 2Cr 5.1 etc.).

O uso mais frequente do pronome pessoal אנכי (hebr. eu, cf. Nm 23.15; 1Sm 18.18; 2Rs 4.13; Jr 1.6 etc.) ao invés de אני (hebr. eu, cf. Zc 8.11; Rt 1.21; Lm 1.16; Ne 1.8 etc.).

O uso mais frequente da conjunção כי (hebr. pois, porque, portanto, cf. Jz 20.36; 1Rs 18.10; Is 6.5; Jr 51.12 etc.).

O uso muito frequente da expressão ויהי (hebr. e aconteceu que, e houve que) no início das narrativas dos textos em prosa (cf. Gn 42.35; Êx 13.17; Js 24.29; 2Sm 13.1; 1Rs 14.6; Is 7.1 etc.).

Maior resistência a estrangeirismos, isto é, a recusa de se empregar vocábulos que não fosse de procedência hebraica na composição dos textos.

Resistência a semelhanças com o aramaico.

Coesa uniformidade textual em quase todos os textos.

Predominância do dialeto próprio de Jerusalém e arredores.

Vocabulário limitado e uniformizado.

Conforme alguns eruditos, a estrutura consonantal dos textos bíblicos compostos no período pré-exílico é, satisfatoriamente, preservada pela tradição manuscrita. Estudiosos argumentam que, em relação à vocalização, haveria, certamente, consideráveis diferenças entre a pronúncia do hebraico desse período e entre aquela fixada pelos massoretas quinze séculos mais tarde. O sistema de vocalização massorética também refletiria o ponto-de-vista dos próprios massoretas e, em seu sistema, haveria evidente influência do aramaico e reconstruções vocálicas.

De acordo com determinados hebraístas, a grafia defectiva do nome Davi nos dois livros de Samuel chega a 575 vezes, nos dois livros dos Reis 93 vezes e nenhuma vez nos dois livros das Crônicas, em Esdras e em Neemias. Por outro lado, a grafia plena do referido nome bíblico masculino chega 271 vezes nos livros bíblicos pós-exílicos mencionados contra somente três vezes nos livros dos Reis e nenhuma vez nos livros de Samuel.

6. Hebraico Pós-Exílico ou Hebraico Tardio

Textos: Ed, Ne, 1Cr, 2Cr, Is 40-66, Ag, Zc, Ab, Ml, Jn, Jl, Jó, Pv, Rt, Ct, Dn, Est, Ec, Sl 1, Sl 8, Sl 9, Sl 10, Sl 12, Sl 14, Sl 16, Sl 23, Sl 25, Sl 32, Sl 33, Sl 34, Sl 36, Sl 37, Sl 40, Sl 41, Sl 46, Sl 47, Sl 48, Sl 49, Sl 50, Sl 51, Sl 52, Sl 55, Sl 58, Sl 62, Sl 66, Sl 67, Sl 69, Sl 71, Sl 73, Sl 75, Sl 76, Sl 77, Sl 79, Sl 83, Sl 84, Sl 85, Sl 86, Sl 87, Sl 88, Sl 90, Sl 92, Sl 93, Sl 94, Sl 95, Sl 96, Sl 97, Sl 98, Sl 99, Sl 100, Sl 103, Sl 104, Sl 105, Sl 106, Sl 107, Sl 111, Sl 112, Sl 113, Sl 114, Sl 115, Sl 116, Sl 117, Sl 119, Sl 121, Sl 122, Sl 124, Sl 125, Sl 126, Sl 128, Sl 129, Sl 130, Sl 131, Sl 133, Sl 135, Sl 136, Sl 137, Sl 138, Sl 140, Sl 141, Sl 143, Sl 145, Sl 146, Sl 147, Sl 148, Sl 149, Sl 150 etc.

Depois do exílio babilônico a língua hebraica sofreu modificações em sua estrutura linguística e os livros que foram escritos na época exílica e pós-exílica refletem um novo estágio. Os estudiosos denominam a linguagem dos livros bíblicos pós-exílicos de hebraico pós-exílico ou hebraico tardio, o qual é o estágio seguinte ao hebraico utilizado na composição dos livros da Bíblia Hebraica que foram escritos antes do exílio babilônico. De acordo com hebraístas, o hebraico pós-exílico representaria a língua da maioria dos livros bíblicos.

No período do exílio babilônico e em época posterior, os judeus começaram a falar o aramaico em suas relações com seus dominadores e com as nações vizinhas. O aramaico era uma língua semítica muito próxima ao hebraico e, na época do domínio assírio (período recente, 9º séc.-7º séc. a.C.), neobabilônico (7º séc.-6º séc. a.C.) e persa (6º séc.-4º séc. a.C.), tinha se tornado o idioma internacional do comércio e das relações diplomáticas. Parcela significativa das populações do Oriente Médio na época bíblica falava a língua aramaica como na Síria, na Babilônia e na Assíria. A substituição do hebraico pelo aramaico pelos judeus como principal língua de comunicação deu-se de maneira muito gradual.

Quando os judeus retornaram de seu exílio na Babilônia por ordem do rei Ciro da Pérsia (538 a.C.), na mesma época em que ocorreram as atividades de Esdras, Neemias e dos profetas Ageu e de Zacarias, o aramaico tinha se tornado língua comum de comunicação entre os exilados judeus e, além dessa língua, também uma forma popular de hebraico que séculos mais tarde se tornaria o hebraico rabínico ou hebraico talmúdico. Ao contrário do se imagina, o hebraico não tinha desaparecido como idioma falado no cotidiano pelos judeus na época dos domínios babilônico e persa. Tal fato pode ser demonstrado por meio de vários livros da Bíblia Hebraica compostos após o exílio babilônico e por meio de outros documentos desse período em diante, como o Eclesiástico/Sirácida (c. 2º séc. a.C.), os comentários rabínicos como os de Hillel e os de Shammai (1º séc. a.C.), os escritos na comunidade de H̱irbet Qumran (c. 2º séc. a.C.-1º séc. d.C.) e as cartas de Simão bar Kokhba (132-135 d.C.). Provavelmente, na região sul do antigo Israel, conhecida como Judeia, era muito comum o uso do hebraico nas relações diárias entre os judeus, enquanto na Galiléia e na Samaria o aramaico era o mais utilizado. De acordo com hebraístas, em torno de 170 a.C. o hebraico estava em pleno uso como língua literária, além de ser entendido e falado por parcelas da população judaica.

Importante característica do hebraico pós-exílico é a evidente influência do aramaico, da linguagem popular hebraica e o uso de alguns elementos do hebraico pré-exílico na composição dos livros bíblicos pós-exílicos. Em relação à influência aramaica no hebraico pós-exílico, encontram-se abundantes aramaismos, como se pode perceber nos livros de Esdras, Neemias, Daniel, Jó, Crônicas, Ester, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos. Por outro lado, determinados livros como Rute, Lamentações e bom número de salmos, de escritos proféticos e de escritos sapienciais não foram afetados pelo aramaico. Além do vocabulário, o aramaico também influenciou a sintaxe e a morfologia do hebraico pós-exílico. De acordo com hebraístas, os livros bíblicos mais representativos do hebraico pós-exílico são Eclesiastes, Ester, Esdras, Neemias e Crônicas.

Durante o período pós-exílico, o hebraico pré-exílico continuou a ser usado como modelo e como inspiração literária para os escritores bíblicos, como se pode constatar em determinados textos bíblicos, como Crônicas, Esdras, Neemias, Ester, Daniel e vários salmos. Segundo os estudiosos, constata-se que os autores dos livros bíblicos mencionados e dos textos de H̱irbet Qumran teriam imitado o estilo e o vocabulário do hebraico como encontrado no texto do Pentateuco.

Segundo os eruditos, além de livros bíblicos tardios, o hebraico pós-exílico foi, também, o idioma utilizado na composição de alguns livros apócrifos, pseudepígrafos, apocalípticos e dos manuscritos de H̱irbet Qumran. Esse fato demonstra que o hebraico não havia deixado de existir como língua viva e, em virtude disso, passava por transformações internas comuns em uma linguagem usada constantemente. De acordo com a opinião de hebraístas, dentre todos os livros bíblicos pós-exílicos, os das Crônicas seriam os mais instrutivos em demonstrar de como era o hebraico pós-exílico e os seus traços diferenciais em relação ao hebraico pré-exílico. Uma das características dos livros das Crônicas, como de outros livros pós-exílicos, é o constante uso de grafias plenas e das *matres lectionis* (lat. lit. “mães de leitura”/“auxiliares de leitura”, isto é, consoantes que servem também como fonemas vocálicos como נ, מ, ם e ן) e a substituição de formas arcaicas por outras mais no-

vas. Os destaques seguintes exemplificam algumas unidades léxicas hebraicas registradas em livros bíblicos pré-exílicos em comparação com os seus cognatos encontrados nos livros bíblicos pós-exílicos (observar, principalmente, os exemplos encontrados nos livros das Crônicas em comparação com aqueles encontrados nos livros de Samuel e de Reis).

vocábulos	hebraico pré-exílico	hebraico pós-exílico
reino	מַמְלָכָה (cf. 1Rs 18.10)	מַלְכוּת (cf. 1Cr 29.25)
Damasco	דִּרְמֶשֶׁק (cf. Is 7.8)	דִּרְמֶשֶׁק (cf. 2Cr 28.23)
eu	אֲנֹכִי (cf. Gn 7.4)	אֲנִי (cf. Ec 2.14)
diante de, por causa de	מִפְּנֵי (cf. Lv 19.32)	מִלְּפָנַי (cf. Ec 8.13)
como?	אֵיךְ (cf. Gn 44.34)	הֵיךְ (cf. Dn 10.17)
Páscoa	פֶּסַח (cf. Dt 16.2)	פֶּסְחָיִם (cf. 2Cr 35.9)
para, em direção a	אֶל- (cf. 1Sm 9.26)	לְ (cf. 1Cr 10.11)
alegria	שִׂמְחָה (cf. Ez 3.13)	הִרְוָה (cf. Ne 8.10)
carta	מִכְתָּב (cf. Ez 1.1)	אֲנָרַת (cf. Ne 6.5)
sangue	דָּם (cf. 1Rs 18.28)	דָּמִים (cf. 1Cr 22.8)
ele tem nascido	יָלַד (cf. Is 9.5)	נִוְלַד (cf. Ec 4.14)
corpos	גּוֹיִת (cf. 1Sm 31.12)	גּוֹפֹת (cf. 1Cr 10.12)

Alguns destaques linguísticos mais relevantes do hebraico pós-exílico são exemplificados a seguir.

Algumas expressões como בֵּית יִשְׂרָאֵל (hebr. a casa de Israel, cf. 1Rs 12.21) ou בְּנֵי יִשְׂרָאֵל (hebr. os filhos de Israel, cf. 1Rs 6.1) são substituídas pela expressão coletiva יִשְׂרָאֵל (hebr. Israel, cf. 2Cr 11.1; 2Cr 10.16; 31.1).

A fórmula introdutória muito comum dos textos em prosa pré-exílicos וַיְהִי (hebr. e aconteceu, e houve, cf. Jr 13.8; Ez 7.1) praticamente desaparece.

A partícula אֵת ou אֶת (sinal de objeto direto/acusativo) tem seu uso diminuído nos livros das Crônicas.

O artigo definido e o pronome relativo אֲשֶׁר (hebr. que) também têm sua utilização reduzida nos livros bíblicos pós-exílicos.

Determinadas expressões têm seus componentes invertidos, como, por exemplo, a locução “o rei Salomão”, que em 2Reis 12.2 é redigido como הַמֶּלֶךְ שְׁלֹמֹה, enquanto em 2Crônicas 10.2 a redação normalmente encontrada é שְׁלֹמֹה הַמֶּלֶךְ (hebr. Salomão, o rei).

Formas mais longas de determinadas preposições são utilizadas, comumente, em textos poéticos pós-exílicos, ao invés de formas curtas típicas de textos pré-exílicos, tais como עָלַי (hebr. sobre, cf. Pv 30.19) em vez de עַל (hebr. sobre, cf. Êx 20.12), עָדֵי (hebr. até, cf. Sl 104.23) em vez de עַד (hebr. até, cf. Gn 11.31) e אֶלַי (hebr. em direção a, cf. Jó 5.26) em vez de אֶל (hebr. em direção a, cf. 2Rs 8.3).

Certas expressões tiveram influência da linguagem popular que mais tarde se tornaria o hebraico rabínico, como o uso da preposição separável אֶצְל (hebr. junto de, ao lado de) com a raiz verbal ישב (hebr. [qal] sentar, habitar, morar) (cf. Ne 2.6; 4.6), ao invés do uso de locuções como בְּקִרְבּ (hebr. em meio a, cf. Gn 45.6) ou בְּתוֹךְ (hebr. em meio a, cf. Êx

11.4) comuns em textos bíblicos pré-exílicos.

No hebraico pós-exílico são utilizados, ainda, outros vocábulos que nunca aparecem no hebraico pré-exílico, mas que são usados, principalmente, no hebraico rabínico, tais como שוק (hebr. mercado, cf. Pv 7.8; Ec 12.4), אָמֵן (hebr. artesão, cf. Ct 7.2), כְּתֵל (hebr. muro, cf. Ct 2.9), מְזִיג (hebr. mistura, cf. Ct 7.3) e קְנֻצוֹת (hebr. cacho de cabelo, cf. Ct 5.2, 11).

O sintagma “que eu” é redigido como שְׁאֲנִי em duas passagens (cf. Ct 1.6; Ec 2.18) ao invés da locução אֲשֶׁר אֲנִי que é registrada em inúmeros textos bíblicos pré-exílicos (cf. Gn 18.17; Êx 34.10; Lv 20.23; 2Sm 15.20; 1Rs 17.20; 2Rs 22.20 etc.).

A partícula שֶׁ (hebr. que, cf. Sl 133.3; 137.8; Ct 3.1; Lm 2.15; Ec 2.17) é utilizada, normalmente, ao invés do pronome relativo אֲשֶׁר (hebr. que, cf. Gn 1.7; Êx 1.8; 1Rs 1.8).

Em Cântico dos Cânticos constata-se, pela primeira vez, o emprego da linguagem popular em um escrito literário.

Uso constante de palavras de proveniência estrangeira, tais como: 1. aramaica: עֶרֶשׁ (hebr. sofá, divã, cf. Ct 1.16); 2. persa: פֶּרְדִּים (hebr. pomar, cf. Ct 4.13) e 3. grega: אֶפְרִיִּון (hebr. liteira [φορῆιον], cf. Ct 3.9).

No Eclesiastes constam palavras compostas com o sufixo aramaico -וִן, tais como חֶסְרוֹן (hebr. perda, cf. Ec 1.15) e שְׁלִטוֹן (hebr. soberano, cf. Ec 8.4,8). Vocábulos compostos com o sufixo -וֹת, tais como סְכָלוֹת (hebr. estupidez, cf. Ec 1.17). Tais sufixos são encontrados no hebraico rabínico.

No Eclesiastes, são registradas as partículas adverbiais עַדְּוֶן e עַדְּוֶנָה (hebr. ainda, cf. Ec 4.2,3) que são normalmente estranhas ao hebraico bíblico, mas que são muito comuns no hebraico rabínico.

Em livros bíblicos pós-exílicos são encontradas, também, outras palavras de feições claramente aramaicas, como כָּבַר (hebr. já, cf. Ec 3.15; 6.10) e קָרַב (hebr. batalha, cf. Zc 14.3; Sl 55.22; Ec 9.18). No hebraico pré-exílico, as unidades lexicais correspondentes ao vocábulo “batalha, guerra” são מִלְחָמָה ou מִלְחָמָת (cf. Êx 1.10; Js 11.18; 1Sm 13.22).

Exemplos de empréstimos do aramaico são os seguintes vocábulos: זְמַן (hebr. data, época, tempo, cf. Ec 3.1; Et 9.27; Ne 2.6), דֶּת (hebr. decreto, edito, cf. Et 1.8; Ed 8.36), אֲחֻהָ (hebr. declaração, cf. Jó 13.17), בֵּר (hebr. filho, cf. Sl 2.12; Pv 31.2), גִּיר (hebr. cal, cf. Is 27.9), כָּף (hebr. rocha, cf. Jr 4.29; Jó 30.6), סוּף (hebr. fim, cf. Ec 3.11; 7.2; 12.13; 2Cr 20.16) etc. Raízes verbais de proveniência aramaica são as seguintes: קָבַל (hebr. [piel] receber, aceitar, cf. Pv 19.20; Ed 4.4; 2Cr 12.18), כָּשַׁר (hebr. [qal] ser acertado, sair bem, cf. Ec 10.10; 11.6; Et 8.5), אָנַס (hebr. [qal] compelir, cf. Et 1.8), זָקַף (hebr. [qal] levantar, erguer, cf. Sl 145.14; 146.8), I חָסַד (hebr. [piel] insultar, cf. Pv 25.10), טָלַל (hebr. [piel] cobrir, cf. Ne 3.15), טָעָה (hebr. [qal] vagar, cf. Ct 1.7), II מָלַךְ (hebr. [nifal] deliberar consigo mesmo, cf. Ne 5.7), שָׁנָא (hebr. [qal] crescer, cf. Jó 8.11), שָׁלַט (hebr. [qal] dominar, cf. Et 9.1; Ec 2.19; 8.9; Ne 5.15), II רָעַע (hebr. [qal] despedaçar, cf. Sl 2.9; Jó 34.24), תָּקַף (hebr. [qal] subjugar, cf. Jó 14.20; 15.24; Ec 4.12) etc.

7. Estrutura Consonantal

O surgimento da estrutura consonantal do hebraico bíblico remonta ao período do Segundo Templo (séc. 6º a.C.-1º séc. d.C.) e a sua aceitação canônica deu-se por volta de 100 pelo judaísmo rabínico e por todas as comunidades judaicas, tanto as de Israel quanto as da diáspora. Possivelmente, o sínodo de Iabne (Jâmnia), realizado por volta de 90, liderado pelo ramo farisaico do judaísmo, contribuiu de modo decisivo e praticamente definitivo para tal aceitação. Os fariseus foram o único grupo religioso judaico sobrevivente após 70, que manteve a liderança dentro do judaísmo desse período em diante.

O texto consonantal do hebraico bíblico anterior à época dos massoretas recebe a denominação “Texto Protomassorético” ou “Texto Protorabínico”, o qual não continha ainda a vocalização, a acentuação e o aparato massorético desenvolvidos somente durante a Idade Média. O Texto Protomassorético é um dos tipos textuais da Bíblia Hebraica utilizados pelos judeus durante o período do Segundo Templo, ao lado de outras formas textuais usadas e transmitidas nessa época. Tal texto bíblico, preservado e transmitido pelos escribas judeus da época do Segundo Templo, foi a base e a origem do Texto Massorético desenvolvido pelos massoretas. O Texto Protomassorético foi, provavelmente, o preferido pelos fariseus e pelos círculos de escribas do templo de Jerusalém, que o copiaram constantemente durante séculos. Alguns estudiosos acreditam que esta forma textual foi a que teve melhor transmissão e preservação, pelo fato de ter sido copiada, meticulosamente, seguindo regras estabelecidas pelos próprios escribas hierosolimitanos.

Os outros tipos textuais hebraicos existentes ao lado do Texto Protomassorético foram os que deram origem ao Pentateuco Samaritano e à Septuaginta, os quais apresentam diferenças em vários detalhes relativos ao texto, à ortografia e à morfologia em relação ao texto de tipo massorético. Determinados eruditos argumentam que esses outros tipos textuais seriam textos vulgarizados, transmitidos sem muitos critérios e sem obedecer a regras estabelecidas e, por isso, possuíam diversos tipos de alteração como se constata no Pentateuco Samaritano e em determinados manuscritos de Hīrbet Qumran. Todavia, apesar disso, todos eram de uso comum entre os judeus e nenhum deles tinha mais autoridade do que o outro no período pré-cristão.

Existem provas de que o Texto Protomassorético já existia desde antes do século III a.C., como comprovam vários manuscritos encontrados em Hīrbet Qumran escritos em alfabeto paleohebraico (antigo abecedário hebraico), tais como o 1QpaleoLv, o 1QpaleoNm, o 4QpaleoÊx^m, o 4QpaleoJó^c, o 6QpaleoGn, o 6QpaleoLv, o 11QpaleoLv^a, entre outros textos. Determinados documentos como o 1QIs^b e o 4QEz^a também representam perceptíveis semelhanças com o texto de tipo massorético em termos de redação, ortografia e morfologia. Documentos do mar Morto encontrados em Wadi Murabba’at, como o MurXII e o MurIs (ambos datados do período da Segunda Revolta Judaica contra Roma [132-135]), em Naḥal Hēver, como o 8HēvXIIgr (da mesma época) e os manuscritos descobertos em Massada (datados do período da Primeira Revolta Judaica contra Roma [66-73]) atestam o tipo textual massorético. Pelas últimas estimativas, cerca de 35% dos manuscritos bíblicos hebraicos encontrados no sítio arqueológico de Hīrbet Qumran estão de acordo com essa recensão do texto bíblico.

Possivelmente, os rabinos da época dos primórdios do cristianismo resolveram selecionar e oficializar um dos tipos textuais hebraicos que julgavam como o melhor e o mais consistente dentre os vários que eles conheciam. Depois de aceito, o texto bíblico hebraico de tipo massorético passou a ser copiado com exatidão e com reverência pelos escribas judeus e, além disso, sem alterações, adições, omissões ou modificações significativas. Consequentemente, sua forma textual permaneceu, praticamente, inalterada desde o período do Segundo Templo até alcançar o período massorético. Com o passar do tempo, as diferenças internas do Texto Protomassorético diminuíram em vez de aumentarem e isso foi por causa do trabalho meticuloso, primeiro dos escribas e, mais tarde, principal-

mente dos massoretas, que foram os principais responsáveis pela uniformização do Texto Massorético e pelo decréscimo das variantes em seu texto. Por esse motivo, as diferenças entre os manuscritos medievais são muito menores do que entre os manuscritos antigos como, por exemplo, os do mar Morto.

8. Vocalização Massorética

No período bíblico até a Idade Média, o texto da Bíblia Hebraica era composto unicamente por consoantes, não possuindo, ainda, sinais gráficos representantes de fonemas vocálicos. Durante a Idade Média (c. 7º séc.-séc. 10), os massoretas (escribas judeus da época medieval) elaboraram três sistemas de vocalização para o texto consonantal da Bíblia Hebraica. Os três sistemas massoréticos de vocalização conhecidos são os seguintes:

Babilônico (c. 7º-9º séc.): sistema supralinear (sinais vocálicos colocados sobre as letras).
 Palestino (c. 8º-9º séc.): sistema suporalinear (sinais vocálicos colocados sobre as letras).
 Tiberiense (c. 8º séc.-séc. 10): sistema infralinear (sinais vocálicos colocados sobre, sob e dentro das letras).

Dos três sistemas, apenas o último é o mais conhecido, o mais importante e o mais completo, que acabou suplantando os dois métodos anteriores, que caíram em desuso durante o século 10. O sistema surgido em Tiberíades é composto por 11 sinais gráficos que representam sons vocálicos longos e breves e quatro que representam semivogais. O sistema contém, ainda, mais três sinais: *rafé*, *maqef* e *mappiq*. Todos os sinais de tradição massorética tiberiense são compostos por traços e por pontos:

sinais vocálicos										
a	ā	e	ē	i	ī	o	ō	ó	u	ū

sinais semivocálicos			
ă	ĕ	ŏ	ē

outros sinais		

O método de vocalização desenvolvido em Tiberíades é representado pelas duas principais famílias de massoretas: a de Ben Asher e a de Ben Naftali. A família Ben Asher é considerada a mais importante pelos estudiosos e o sistema de vocalização desenvolvido por este clã é o mais atestado pelos manuscritos massoréticos do período medieval. A tradição tiberiense de vocalização alcançou o seu auge de desenvolvimento no século 10 com os trabalhos do último membro da família Ben Asher, o massoreta Aarão ben Moisés ben Asher (primeira metade do séc. 10). O último membro da família Ben Naftali foi Moisés ben Davi ben Naftali (primeira metade do séc. 10), que também contribuiu para a evolução e para a cristalização do sistema tiberiense de vocalização. Com o passar do tempo, o sistema da família Ben Asher tornou-se oficial e padrão, suplantando as demais tradições massoréticas, inclusive a de Ben Naftali. A tradição de Ben Asher tornou-se a única a ser reproduzida tanto pela maioria dos manuscritos massoréticos da época medieval quanto por todas as edições impressas da Bíblia Hebraica, desde o século 15 até os dias atuais. Todas as gramáticas dedicadas ao hebraico bíblico tratam, igualmente, da vocalização elaborada pelos massoretas de Tiberíades.

9. Acentuação Massorética

Além da elaboração da vocalização, os massoretas criaram, igualmente, sistemas de acentuação para o hebraico bíblico. Os sistemas babilônico e palestino caíram em desuso durante o século 10, apenas o sistema tiberiense, que era o mais completo, tornou-se o mais importante, sendo registrado tanto pela maioria dos manuscritos massoréticos da época medieval quanto por todas as edições impressas da Bíblia Hebraica, desde o século 15 até os dias atuais. Todas as gramáticas dedicadas ao hebraico bíblico tratam, igualmente, da acentuação elaborada pelos massoretas de Tiberíades. As funções dos acentos massoréticos são os seguintes:

Assinalam a sílaba tônica de cada palavra ou expressão do versículo bíblico. Existem dois tipos de tonicidades: pospositiva (oxítone) e prepositiva (paroxítone).

Assinalam divisões semânticas e estabelecem relações sintáticas. Nesta função, os acentos assinalam as pausas e o encadeamento entre as cláusulas do versículo.

Assinalam a melodia (cantilação ou cantilena) dos vocábulos do versículo. Essa função dá-se quando o texto bíblico é recitado no serviço da sinagoga. Neste emprego, os acentos possuem valores semelhantes a notas musicais.

Os massoretas elaboraram dois tipos de acentos: os disjuntivos (acentos que assinalam as divisões principais do versículo) e os conjuntivos (acentos que estabelecem conexões entre os vocábulos do versículo). O método desenvolvido em Tiberíades contém 18 acentos disjuntivos e nove acentos conjuntivos para os 21 livros em prosa, totalizando 27 acentos; e 12 acentos disjuntivos e 9 acentos conjuntivos para os três livros poéticos (Salmos, Jó e Provérbios), totalizando 21 acentos. O sistema contém, ainda, mais três sinais que não possuem função melódica: *maqef*, *meteg* e *paseq*. As duas principais famílias de massoretas de Tiberíades, a Ben Asher e a Ben Naftali, foram as responsáveis pelo desenvolvimento e pela cristalização do sistema de acentuação que hoje é empregado no texto da Bíblia Hebraica.

Referências Bibliográficas

- ALONSO SCHÖKEL, Luís (ed.). *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- ANDERSEN, Francis I.; FORBES, A. Dean. *Spelling in the Hebrew Bible*. Biblica et Orientalia 41. Roma: Pontificium Institutum Biblicum, 1986, p. 4-5.
- ARCHER JR., Gleason L. *Panorama do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 12, 14 e 15.
- AUVRAY, Paul. *L'hébreu biblique*. Connaître la Bible. Paris: Desclée De Brouwer, 1962.
- _____. *Iniciação ao Hebraico Bíblico*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 11.
- BÍBLIA: Associação Laical de Cultura Bíblica. “As línguas do Tanak: o hebraico e o aramaico”. In: *Vademecum para o Estudo da Bíblia*. Coleção Bíblia e História. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 143-151.
- BLAU, Joshua. “Hebrew Language, Biblical”. In: *Encyclopaedia Judaica*. vol. 16. Jerusalem: Keter, 1972, col. 1568-1583.
- _____. *Phonology and Morphology of Biblical Hebrew*. Linguistic Studies in Ancient West Semitic 2. Winona Lake: Eisenbrauns, 2010, p. 5-23.
- BROWN, Francis; DRIVER, Samuel R.; BRIGGS, Charles A. (eds.). *The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon*. Peabody: Hendrickson, 1996.
- CLINES, David J. A. (ed.). *The Concise Dictionary of Classical Hebrew*. Sheffield: Sheffield Phoenix Press, 2009.
- COHEN, Simon. “Hebrew Language”. In: *The Universal Jewish Encyclopedia*. vol. 5. New York: Universal Jewish Encyclopedia, 1948, p. 276-281.
- DRISCOLL, James F. “Hebrew Language and Literature”. *The Catholic Encyclopedia*. vol. 7. New York: The Universal Knowledge Foundation, 1910, p. 176-181.
- FRANCISCO, Edson de F. “Texto Massorético” e “Hebraico”. In: idem. *Manual da Bíblia Hebraica: Introdução ao Texto Massorético – Guia Introductório para a Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 221-298 e 625-626.
- _____. “A Língua Hebraica do Antigo Testamento”. In: idem (trad.). *Antigo Testamento Interlinear Hebraico-Português*: vol. 1: Pentateuco. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012, p. XVII-XXI.
- GESENIUS, Wilhelm; KAUTZSCH, Emil; COWLEY, Arthur E. *Gesenius' Hebrew Grammar*. 2. ed. Oxford: Clarendon Press, 1980, p. 1-2 e 8-17.
- GORDON, Cyrus H. “Hebrew Language”. In: *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, Supplements. Nashville: Abingdon Press, 1976, p. 392-394.
- GREENSPAHN, Frederick E. “The Number and Distribution of ‘Hapax Legomena’ in Biblical Hebrew”. *Vetus Testamentum* 30, 1980, p. 8-19.
- HOLLADAY, William L. *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- JEFFERY, A. “Hebrew Language”. In: *The Interpreter's Dictionary of the Bible*. vol. 2. New York-Nashville: Abingdon Press, 1962, p. 553-560.
- JOÜON, Paul; MURAOKA, Takamitsu. *A Grammar of Biblical Hebrew*. 2. ed. Subsidia Biblica 27. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2006, p. 2-11.
- KELLEY, Page H. *Hebraico Bíblico: Uma Gramática Introductória*. São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 428-429.
- KHAN, Geoffrey. *A Short Introduction to the Tiberian Masoretic Bible and its Reading Tradition*. Gorgias Handbooks 25. Nova Jersey: Gorgias Press, 2012, p. 13-30, 37-41 e 43-62.
- KIRST, Nelson et alii. *Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português*. 21. ed. São Leopoldo-Petrópolis: Sinodal-Vozes, 2008.
- KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter (eds.). *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament – Study Edition*. 2 vols. Leiden-Boston-Köln: Brill, 2001.
- LAMBDIN, Thomas O. *Gramática do Hebraico Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 15-16.

- LEVIAS, Caspar. "Hebrew Language". In: *The Jewish Encyclopedia*. vol. 6. New York-London: Funk and Wagnalls, 1916, p. 306-310.
- MACKENZIE, John L. "Língua Hebraica". In: idem. *Dicionário Bíblico*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 550-551.
- RABIN, Chaim. *Pequena História da Língua Hebraica*. São Paulo: Summus Editorial, s.d.
- ROSS, Allen P. *Gramática do Hebraico Bíblico para Iniciantes*. São Paulo: Editora Vida, 2005, p. 13-19.
- SÁENZ-BADILLOS, Angel. *A History of the Hebrew Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- SCHRAMM, Gene M.; SCHMITZ, Philip C. "Languages (Hebrew)". In: *The Anchor Bible Dictionary*. vol. 4. New York-London-Toronto-Sydney-Auckland: Doubleday, 1992, p. 203-214.
- SELLIN, Ernst; FOHRER, Georg. *Introdução ao Antigo Testamento*. vol. 1. 2. ed. Nova Coleção Bíblica 5. São Paulo: Paulinas, 1983.
- _____. *Introdução ao Antigo Testamento*. vol. 2. 3. ed. Nova Coleção Bíblica 6. São Paulo: Paulinas, 1978.
- SEOW, Choon-Leong. *A Grammar for Biblical Hebrew*. Revised Edition. Nashville: Abingdon Press, 1995, p. 157-159.
- TOV, Emanuel. *Textual Criticism of the Hebrew Bible*. 3. ed. Minneapolis-Assen: Fortress Press-Royal Van Gorcum, 2012, p. 24-33, 39-47 e 62-65.
- TREBOLLE BARRERA, Julio. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996, p. 69-79.
- WALTKE, Bruce K.; O'CONNOR, Michael P. *Introdução à Sintaxe do Hebraico Bíblico*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 3-10.